
A construção de sentido do surfe nos meios de comunicação e oralidade. Do surfe de alma às piscinas de ondas¹

André TAVARES²

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

RESUMO

Este artigo tem o intuito trazer algumas reflexões sobre o fenômeno da construção de sentido do surfe a partir da nova geração de piscinas de ondas no Brasil. Os aportes teóricos de Neil Postman, assim como os relatos de surfistas profissionais e um relato autoetnográfico do autor, ajudaram a observar que há um deslocamento simbólico que resulta em uma outra visão sobre o significado do surfe, que modifica o sentido histórico e a ideia de autenticidade da cultura do surfe.

PALAVRAS-CHAVE: surfe; produção de sentido; jogo; piscinas de ondas; tecnopólio.

Introdução

Vídeo-análise, cardápio de ondas, reconhecimento facial para captura de imagens e treinamento 3D³. Cada vez mais o surfe moderno se distancia daquela prática ancestral do Havaí (WARSHAW, 2005) ou do surfe de alma, ligado às ideias de contracultura do final da década de 1960, que foram amplamente documentados e narrados nas revistas especializadas e nos filmes de praia (DIAS, 2008). Desde a década de 1970, sobretudo após as primeiras iniciativas de profissionalização, já havia um tensionamento entre as diferentes visões e sentidos que os surfistas atribuíam ao surfe. De um lado os que eram favoráveis às ideias de liberdade e transcendência e do outro os que lutavam para disciplinar e esportivizar o esporte, para que assim, fosse viável viver dele (ALVES; MELO, 2016).

Ressaltamos que a própria ideia de autenticidade do surfe moderno foi propagada pela mídia com o intuito de maximizar o lucro das empresas que exploravam a imagem do esporte. Os autores Ford e Brown (2006) destacam que:

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Pesquisa – Comunicação e Esporte do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UERJ, e-mail: andretavares@gmail.com

³ Disponível em: <<https://wavegarden.com/checkmysurf/>> Acesso em: 27 de jun. 2024

Com a contracultura do final dos anos 1960, a tendência de “*soul surf*” enfatizou uma reinterpretação dos valores da espiritualidade, estética e a busca pela paz interior e autenticidade. Com o crescimento da popularidade do surfe e as oportunidades de negócios concomitantes, em congruência com o capitalismo tardio, os negócios empacotaram esses mesmos valores de autenticidade e distinção. Além disso, a midiaticização do surfe ampliou esses valores em uma disseminação cultural mais ampla⁴ (FORD e BROWN, 2006, não paginado, tradução nossa).

Neste sentido, com o crescimento gradual do esporte e a entrada de mais praticantes, o surfe passou a comportar outros significados para além da dicotomia envolvendo o surfe de alma e o surfe profissional. Por exemplo: há o *free surfer*, que é um surfista que ganha para surfar, mas que não participa de campeonatos (BOOTH, 2017), mas também existe um surfista como Ricardo dos Santos, que apesar de aderir ao surfe profissional, porta em seu discurso “uma concepção de surfista engajado, preocupado com a natureza e o meio ambiente” (SOUZA, HECKTHEUER, RIGO, 2019, p. 511).

Dentro deste contexto de fragmentação onde cabem “surfes” e surfistas diversos, surgiu uma nova geração de piscinas de ondas que traz outros sentidos, a partir da mídia e da oralidade, para a chamada cultura do surfe. Portanto, este artigo tem o intuito trazer algumas reflexões sobre este fenômeno no Brasil a partir dos aportes teóricos de Neil Postman, assim como a partir de relatos de surfistas profissionais e um relato autoetnográfico do autor sobre a sua primeira experiência ao surfar em uma piscina.

Criação da onda perfeita e a ideia de progresso a partir da dominação do homem sobre a natureza

As piscinas de ondas não são um artefato novo: no verão de 1934, a primeira piscina de ondas foi inaugurada em Londres, e em 1966, a piscina Summerland, construída próxima à Tóquio, no Japão, foi a primeira utilizada por surfistas (WARSHAW, 2005). Em 1985, os melhores surfistas do mundo participaram de um torneio em um parque aquático de Allentown, na Pensilvânia (EUA), e na década de 1990, piscinas de ondas artificiais receberam alguns campeonatos, um deles vencido pelo onze

⁴ O trecho em Inglês é: “With the late 1960s counter-culture, the ‘soul surfing’ tendency emphasized a reinterpretation of the values of spirituality, aesthetics and the quest for inner peace and authenticity. With the growth of surfing’s popularity and concomitant business opportunity, in congruence with late capitalism, business packaged these very values of authenticity and distinctiveness. Furthermore the mediatization of surfing amplified these values in a wider cultural dissemination.”

vezes campeão mundial, Kelly Slater, na Disney, enquanto outros eventos movimentaram a cidade de Miyazaki, no Japão, onde estava a Ocean Dome, considerada a melhor piscina de ondas da época⁵. Porém, naquele tempo as tecnologias ainda não geravam ondas tão interessantes para os surfistas a ponto de competir com as ondas do mar, e foi isso que a Kelly Slater Wave Company e outras empresas desse mercado⁶ conseguiram fazer: ter a capacidade de produzir “a primeira onda fabricada pelo homem com a força e a forma de uma onda oceânica.”⁷

Junto do feito tecnológico da máquina, de conseguir reproduzir ondas semelhantes às do mar, vêm a ideia de dominação da natureza pelo homem, a crença no progresso, na eficiência, objetividade, padronização e medição (POSTMAN, 1994). Ou seja, uma certa confiança na técnica e talvez até uma certeza de que ela é melhor ou superior à própria natureza. Esses valores começam a surgir nas falas de surfistas de renome, como a do campeão olímpico de surfe Ítalo Ferreira:

(...) em alguns momentos eu prefiro estar na piscina, pelo fato de você conseguir pegar muitas ondas em pouco tempo. O tempo é muito corrido. O tempo que eu tenho, quando estou próximo a uma piscina, aproveito para testar os modelos de prancha. Eu cheguei a testar num dia oito pranchas. Num oceano é difícil, porque depende da condição, da maré, do vento, de quantas pessoas estão na água. Isso facilita e você ganha tempo.⁸

Ou seja, de forma simultânea legitima-se a performance e o aproveitamento do tempo, e se exclui dois aspectos que supostamente estariam no cerne do esporte: o contato com a natureza e a imprevisibilidade. Agora o surfe tem hora exata para acontecer e uma precisão milimétrica em relação ao tamanho das ondas, além de uma fila pré-estabelecida que define a ordem de quem irá surfar (TAVARES, A. L. O., 2022).

Surge então um novo espaço mágico do jogo, cujo cenário convida o surfista a acreditar, pelo menos por um determinado tempo, de que ali existe “um real mais real do que o real” (CALLOIS, 2017, p. 62). O *ethos* esportivo, que antes era pautado pelo hedonismo e pela ludicidade (DIAS, 2008), é substituído por uma narrativa progressiva de esportivização (FORD e BROWN, 2006). Reduz-se o espírito lúdico de ousar, correr

⁵ Disponível em: <<https://www.uol.com.br/esporte/surfe/ultimas-noticias/2018/09/06/de-olho-em-olimpiada-piscinao-de-kelly-slater-inicia-nova-era-do-surfe.htm>>. Acesso em: 10 jan. 2021

⁶ Existem seis empresas que são as maiores dessa indústria: Surf Loch, Wavegarden, Okahina, Surf Lakes, Kelly Slater Wave Company e a American Wave Machines. Disponível em: <<https://surfzine.com/wavepool-globo/>>. Acesso em: 3 mar. 2021

⁷ Disponível em: <<https://www.redbull.com/br-pt/8-melhores-ondas-artificiais-do-mundo>>. Acesso em: 16 jan. 2021

⁸ Disponível em: <<https://ge.globo.com/surfe/noticia/2024/05/21/surfe-em-qualquer-lugar-brasil-vive-boom-das-piscinas-de-ondas-mas-diversao-ainda-e-para-poucos.ghtml>>. Acesso em: 23 jun. 2024

riscos (inclusive financeiros), suportar a incerteza e a tensão (HUIZINGA, 2019), assim como a sorte e a aleatoriedade (CALLOIS, 2017). Dessa forma, o tecnopólio demonstra o seu alinhamento com neoliberalismo: maior previsibilidade (financeira) e garantia de que o espetáculo acontecerá.

Autoetnografia de um surfista e pesquisador encarnado

Enquanto surfista que há mais de trinta anos busca a onda perfeita, e que em um determinado momento participou do planejamento de comunicação do resort onde se localiza a piscina de ondas Surfland, se torna improvável que haja imparcialidade na abordagem deste objeto. Portanto, assumimos a ideia de Wacquant, 2002, da necessidade de uma sociologia não somente do corpo, no sentido de objeto, mas também “a partir do próprio corpo como instrumento de investigação e vetor de conhecimento” (WACQUANT, 2002, página 12).

No dia oito de fevereiro de 2024, o autor teve a sua primeira experiência ao surfar uma piscina de ondas, em Garopaba, Santa Catarina (Surfand). Na ocasião, foi possível identificar que novas técnicas corporais (MAUSS, 1974) seriam necessárias para que o máximo de aproveitamento fosse extraído de uma sessão de cinquenta minutos de surfe. O valor investido, R\$450, deveria ser revertido no máximo de manobras e ondas surfadas, e para tanto, o corpo deveria estar preparando para uma atividade física intensa do início ao fim. Na piscina, rema-se menos e surfa-se mais. Praticamente não há períodos de calma⁹, e entre as vantagens identificadas, duas se destacam: saber exatamente como será a próxima onda e saber que essa onda é de fato só sua, sem a necessidade de disputas com outros surfistas¹⁰.

A força das ondas é semelhante às ondas do mar e o caldo pode ser tão ou mais forte do que um caldo em um ambiente natural, e apesar da disciplina de ter que se manter em fila para aguardar a próxima sequência de ondas¹¹, a garantia e a satisfação de surfar ondas perfeitas sem muito esforço em um curto espaço de tempo traz uma sensação de parque de diversões, onde a eficiência da máquina se comprova.

⁹ Sem ondas.

¹⁰ O *crowd* e a disputa de ondas são os piores problemas de um pico de ondas muito conhecido.

¹¹ Um painel no centro da piscina exibe uma contagem regressiva de quando virá a próxima sequência de ondas.

Resultados preliminares

O surgimento da nova geração de piscinas de ondas traz consigo um deslocamento simbólico que resulta em uma outra visão sobre o significado do surfe, que aprofunda a ideia de esportivização, performance e talvez até mesmo de espaço-tempo. Pode ser que essa visão um dia se torne totalitária, excluindo alternativas para si (POSTMAN, 1994) ou criando uma nova categoria de esporte.

Esses espaços controlados e previsíveis sugerem que tempo é dinheiro. Quanto mais ondas surfadas, mais valerá o investimento em uma sessão de surfe. A indeterminação do território do vazio (CORBIN, 1989) dá lugar à precisão e à repetição que a máquina proporciona, e o corpo do surfista passa a não mais ser forjado pela comunhão com a natureza, mas sim a partir da ideia de performance e aprimoramento contínuo. E dessa forma, modifica-se o sentido histórico e a ideia de autenticidade da cultura do surfe.

REFERÊNCIAS

- ALVES, V. Z. ; MELO, V. A. . Um novo barato: surfe e contracultura no Rio de Janeiro dos anos 1970. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. ahead, p. 1-15, 2016.
- BOOTH, Douglas. **The political economy of surfing culture: production, profit, and representation**. In: HOUGH-SNEE, Dexter Zavalza e SOTELO EASTMAN, Alexander. *The critical surf studies reader*. Durham: Duke University Press, 2017, p. 412-441.
- CAILLOIS, Roger. **Os jogos e os homens: a máscara e a vertigem**. Roger Caillois: tradução de Maria Ferreira ; revisão técnica da tradução de Tânia Ramos Fortuna. – Petrópolis, RJ : Editora Vozes, 2017. – (Coleção Clássicos do Jogo)
- CORBIN, Alain. **Território do vazio. A praia e o imaginário ocidental**. / Alain Corbin; tradução Paulo Neves - São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- DIAS, Cleber Augusto Gonçalves. **Urbanidades da natureza: o montanhismo, o surfe e as novas configurações do esporte no Rio de Janeiro** / Cleber Augusto Gonçalves Dias. – Rio de Janeiro: Apicuri, 2008.
- FORD, Nick; BROWM, David. **Surfing and social theory**. New York: Routledge, 2006.
- HUIZINGA, Johan. **Homo ludens. O jogo como elemento da cultura**. / Johan Huizinga: tradução João Paulo Monteiro, revisão de tradução Newton Cunha. -- 9. ed. rev. e atual. -- São Paulo : Perspectiva, 2019.
- MAUSS, M. As técnicas corporais. In: **Sociologia e Antropologia**. Vol.II São Paulo: EPU/EDUSP, 1974.

POSTMAN, Neil. **Tecnopólio: a rendição da cultura à tecnologia.** / Neil Postman ; tradução Reinaldo Guarany. – São Paulo : Nobel, 1994.

SOUZA, T.; HECKTHEUER, L. F. A. ; RIGO, L. C.. Possibilidades Heterotópicas do Surfe. **Revista Licere**, v. 22, p. 492-516, 2019

WACQUANT, Loic J. D. **Corpo e alma: Notas etnográficas de um aprendiz de boxe.** / Loic Wacquant / tradução Angela Ramalho – Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

WARSHAW, Matt. **The encyclopedia of surfing.** Florida: Harcourt, 2005.

TAVARES, A. L. O., Piscinas de ondas. Mídiação, mercantilização e os discursos de prazer e liberdade do surfe na publicidade dos condomínios. Dissertação, UERJ, Ano de Obtenção: 2022.